

História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)

Breve curso

Sob redacção da comissão do CC do PCU(b)

Aprovado pelo CC do PCU(b)

1938

Capítulo II

A formação do Partido Operário Social-Democrata da Rússia. O surgimento das facções bolchevique e menchevique no partido

1. O ascenso do movimento revolucionário na Rússia nos anos de 1901 a 1904.

Nos finais do século XIX rebentou uma crise industrial na Europa, que rapidamente se estendeu também à Rússia. Durante os anos da crise – 1900 a 1903 – encerraram cerca de três mil grandes e pequenas empresas. Mais de 100 mil operários foram despedidos. Os salários dos que continuavam nas empresas diminuíram acentuadamente. Concessões insignificantes, arrancadas anteriormente aos capitalistas pelos operários em obstinadas greves económicas, foram revogadas.

Porém, a crise industrial e o desemprego não travaram nem enfraqueceram o movimento operário. Pelo contrário, a luta dos operários adquiria cada vez mais um carácter revolucionário. Das greves económicas, os operários passaram às greves políticas, e por fim às manifestações com exigências políticas de liberdades democráticas, já sob a palavra de ordem «Abaixo a autocracia tsarista!».

A greve de 1 de Maio de 1901 na fábrica de material de guerra *Obukhov*, em Petersburgo, transformou-se num sangrento confronto entre os operários e o exército. Frente aos destacamentos militares tsaristas, os operários apenas podiam responder com pedras e pedaços de ferro. A tenaz resistência dos operários foi quebrada. Seguiu-se uma cruel repressão: foram detidos cerca de 800 operários, muitos dos quais foram lançados nas prisões, outros condenados a trabalhos forçados. Porém a heróica «defesa de *Obukhov*» teve uma grande repercussão na Rússia, gerando uma onda de simpatia entre os operários.

Em Março de 1902 decorreram as grandes greves e a manifestação dos operários de Batum, organizadas pelo Comité Social-Democrata da cidade. A manifestação de Batum causou enorme alvoroço nos operários e nas massas camponesas da Transcaucásia.

No mesmo ano de 1902, em Rostov do Don, teve lugar outra grande greve. De início apenas os ferroviários paralisaram, mas logo se juntaram a eles os operários de muitas fábricas. A greve agitou todos os operários de Rostov. Nos comícios organizados durante vários dias nos arredores da cidade chegaram juntar-se cerca de 30 mil operários. Aqui, as proclamações sociais-democratas eram lidas em voz alta, oradores tomavam a palavra. A polícia e os cossacos não foram capazes de dispersar estas reuniões de muitos milhares de operários. No dia seguinte à morte de vários operários abatidos pela polícia, uma enorme manifestação juntou-se para o seu enterro. O governo tsarista só conseguiu reprimir a greve depois de deslocar tropas das cidades vizinhas. A luta dos operários de Rostov foi dirigida pelo Comité do Don do POSDR.

No ano de 1903, as greves assumiram proporções ainda maiores. Durante este ano decorreram greves políticas de massas no Sul, que se estenderam a toda a Transcaucásia (Baku, Tiflis, Batum) e às principais cidades da Ucrânia (Odessa, Kíev, Ekaterinoslav). As greves tornavam-se cada vez mais obstinadas e organizadas. Ao contrário de outras acções anteriores da classe operária, agora a sua luta política era dirigida em quase todo o lado por comités sociais-democratas.

A classe operária da Rússia levantava-se para a luta revolucionária contra o poder tsarista.

O movimento operário repercutiu-se no próprio campesinato. Na Primavera e no Verão de 1902 desencadeou-se um movimento camponês na Ucrânia (nas províncias de Poltava e Khárkov) e na região do Volga. Os camponeses incendiavam os domínios senhoriais, ocupavam as terras, matavam os odiados *superiores* dos *zemstvos*¹ e os latifundiários. Chegaram forças militares que dispararam contra os camponeses sublevados e fizeram detenções às centenas, os dirigentes e organizadores do movimento foram lançados nas prisões, todavia, o movimento revolucionário de camponeses continuou a alastrar.

As acções revolucionárias dos operários e camponeses indicavam que a revolução na Rússia amadurecia e se aproximava.

Sob a influência da luta revolucionária dos operários, cresceu também o movimento estudantil oposicionista. Em resposta às manifestações e às greves estudantis, o governo fechou as universidades, prendeu centenas de estudantes e, por último, decidiu mobilizar os insubmissos como soldados. Reagindo a esta medida, os estudantes de todos os estabelecimentos de ensino superior organizaram uma greve geral, que envolveu 30 mil pessoas durante o Inverno de 1901-1902.

O movimento revolucionário dos operários e camponeses e, sobretudo, a repressão contra os estudantes abanaram também os burgueses liberais e os latifundiários liberais que integravam os chamados *zemstvos*, e obrigaram-nos a levantar uma voz de «protesto» contra o «extremismo» do governo tsarista, que castigava duramente seus filhinhos estudantes.

Os pontos de apoio destes liberais eram as câmaras dos *zemstvo* [*zemskie upraví*], que eram órgãos de administração com competência em assuntos estritamente locais, relacionados com a população rural (construção de estradas, hospitais e escolas, etc.). Os latifundiários liberais tinham um papel bastante destacado nas câmaras dos *zemstvos*. Estavam estreitamente ligados e quase fundidos com a burguesia liberal, uma vez que eles próprios começavam a transformar os seus domínios semi-feudais em explorações capitalistas mais vantajosas. Ambos estes grupos liberais defendiam, naturalmente, o governo tsarista, mas contestavam o seu «extremismo», receando que precisamente este factor pudesse reforçar o movimento revolucionário. Embora alarmados com o «extremismo» do tsarismo, eles temiam ainda mais a revolução. Com o seu protesto, os liberais perseguiram dois fins: em primeiro lugar «chamar à razão» o tsar; em segundo lugar envergar a máscara do «grande descontentamento» com o tsarismo, para deste modo ganhar a confiança do povo e separá-lo pelo menos em parte da revolução, debilitando assim o movimento revolucionário.

O movimento liberal dos *zemstvos* não representava, evidentemente, nenhum perigo para a existência do tsarismo, mas era apesar de tudo um indício de que os esteios «seculares» do regime não estavam totalmente seguros.

¹ Os *zemstvos* eram órgãos de administração local, criados pela reforma de 1864, que aboliu a servidão. Existiram em 43 províncias da Rússia e foram extintos em 1918 por um decreto do governo soviético. Eram constituídos por assembleias provinciais e concelhias (órgãos legislativos), e integrados por deputados eleitos em três cúrias: os proprietários agrícolas dos concelhos, os proprietários de bens imobiliários urbanos e os representantes dos grémios agrícolas. Tinham como órgãos executivos as câmaras provinciais ou concelhias, formadas por um presidente e dois outros membros, eleitos pela assembleia do *zemstvo* por mandatos de três anos. Estavam sob tutela do Ministério dos Assuntos Internos e dos governadores que podiam anular as suas decisões. Exerciam competências na área da educação e saúde públicas, na construção de escolas, hospitais e estradas, e no fomento da agricultura, da indústria artesanal e outras actividades, dispondo de serviços de agronomia, depósitos de máquinas e sementes, etc. Em 1889 foi criado o cargo de *superior* do *zemstvo*, obrigatoriamente atribuído a um nobre, que tinha a competência de controlar a actividade dos órgãos das comunas camponesas e constituía a primeira instância judicial para os camponeses. (*N. do T.*)

O movimento liberal dos *zemstvos* conduziu à organização, em 1902, do grupo burguês Libertação, que seria o núcleo constitutivo do futuro e principal partido da burguesia russa, o partido dos *kadets*.

Vendo que o movimento operário e camponês alastrava por todo o país como uma torrente cada vez mais ameaçadora, o tsarismo tomou todas as medidas para deter a vaga revolucionária. Com frequência crescente, as greves e as manifestações operárias eram reprimidas com recurso às forças militares; as balas e o chicote tornaram-se a resposta habitual do governo tsarista às acções dos operários e dos camponeses; as prisões e os lugares de deportação encheram-se.

Em paralelo com o aumento da repressão, o governo tsarista ensaiou medidas mais «flexíveis», não repressivas, para desviar os operários do movimento revolucionário. Fizeram-se tentativas para criar falsas organizações operárias sob tutela dos gendarmes e da polícia. Chamou-se-lhes organizações do «socialismo policial» ou organizações zubatovistas (do apelido do coronel da gendarmaria que criou estas organizações policiais operárias). Através dos seus agentes, a *okhranka* tsarista esforçava-se por incutir nos operários a ideia de que o próprio governo do tsar tencionaria ajudar os operários a alcançar as suas reivindicações económicas. «Para quê fazer política, para quê organizar a revolução, se o próprio tsar está ao lado dos operários?», diziam os zubotovistas aos operários. Os zubotovistas tinham as suas organizações em várias cidades. Seguindo o modelo de Zubátov, e com fins idênticos, o pope Gapone² fundou em 1904 uma organização chamada «Associação dos Operários Fabris Russos de Petersburgo».

Porém, a tentativa da *okhranka* tsarista de subjugar o movimento operário fracassou. Tais medidas revelaram-se incapazes de travar o crescimento do movimento operário, que corajosamente arredou do seu caminho essas organizações policiais.

2. O plano de Lênine para a construção de um partido marxista. O oportunismo dos «economistas». A luta do Iskra pelo plano de Lênine. O livro de Lênine Que fazer?. Os fundamentos ideológicos do partido marxista.

Apesar de se ter realizado o I Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, em 1898, que proclamou a sua fundação, o partido não estava ainda constituído. Não existia programa nem estatutos. O Comité Central eleito no I Congresso foi preso e nunca mais foi reconstituído, uma vez que não havia ninguém para o fazer. Para além disso, depois do I Congresso, a confusão ideológica e a dispersão orgânica aumentaram ainda mais.

Se os anos de 1884 a 1894 foram o período da vitória sobre o populismo e de preparação ideológica da social-democracia, e os anos de 1894 a 1898 o da tentativa, sem sucesso é certo, de criar um partido social-democrata a partir das organizações marxistas isoladas, então o período que se seguiu a 1898 ficaria marcado pelo aumento da confusão ideológica e organizativa no partido. O triunfo do marxismo sobre o populismo e a acção revolucionária da classe operária, que dava razão aos marxistas, aumentaram a simpatia da juventude revolucionária pelo marxismo. O marxismo tornou-se moda, o que fez afluir às organizações marxistas massas de jovens revolucionários da *intelligentsia*, teoricamente fracos e sem experiência política e organizativa, que tinham apenas uma ideia vaga e em grande parte errada do marxismo, extraída dos escritos oportunistas dos «marxistas legais» que inundavam a imprensa. Esta circunstância conduziu a uma diminuição do nível teórico e político das organizações marxistas, à infiltração de tendências oportunistas «marxistas legais», e aumentou a confusão ideológica, as hesitações políticas e a balbúrdia organizativa.

² Gueórgui Apollónovitch Gapone, verdadeiro apelido Gapone-Novikh, (1870-1906), padre ortodoxo russo e líder do sindicato cristão «União dos Operários Fabris de São Petersburgo». Após o «domingo sangrento», fugiu para a Inglaterra, onde é acolhido em casa de um socialista revolucionário. Em 1906 regressa à Rússia, continuando a fazer jogo duplo com a polícia. A sua traição é descoberta pelos socialistas revolucionários que, temendo uma denúncia, decidem enforcá-lo numa casa de campo. (N. do T.)

O crescente impulso do movimento operário e a nítida proximidade da revolução exigiam a criação de um partido unificado e centralizado da classe operária, capaz de dirigir o movimento revolucionário. Porém, o estado em que se encontravam os órgãos locais – os comités locais, os grupos e os círculos – era tão medíocre e o seu isolamento orgânico e divergências ideológicas tão grandes que a criação de semelhante partido apresentava dificuldades incriveis.

As dificuldades resultavam não apenas do facto de que a construção do partido teria de ser feita sob o fogo das cruéis perseguições do tsarismo, que arrancava das fileiras das organizações os melhores militantes, enviando-os para o desterro, para as prisões ou para os trabalhos forçados. As dificuldades resultavam ainda do facto de uma parte considerável dos comités locais e dos seus quadros não querer saber de mais nada para além do seu mesquinho trabalho prático local, de não compreender os prejuízos da falta de unidade orgânica e ideológica do partido, de estar habituada à dispersão orgânica e à confusão ideológica, e considerar que se podia prescindir de um partido unificado e centralizado.

Para criar um partido centralizado era preciso ultrapassar este atraso, a rotina e o estreito pragmatismo dos órgãos locais.

Mas não era tudo. Existia no partido um grupo bastante numeroso de pessoas que possuía os seus próprios órgãos de imprensa, o *Rabóchaia Missl* [«Pensamento Operário»], na Rússia, e o *Rabóchee Diélo* [«Causa Operária»], no estrangeiro, e que justificava teoricamente, não poucas vezes até exaltava, a dispersão orgânica e as divergências ideológicas no partido, considerando que a criação de um partido político unificado e centralizado da classe operária era uma tarefa desnecessária e irrealista.

Tratava-se dos «economistas» e dos seus sequazes.

Para se criar o partido político unificado do proletariado era preciso antes de mais derrotar os «economistas».

Lénine empenhou-se no cumprimento destas tarefas e na organização do partido da classe operária.

Existiam várias opiniões sobre a questão de por onde se devia começar a construção do partido unificado da classe operária. Alguns entendiam que se deveria começar pela convocação do II Congresso, que unificaria as organizações locais e criaria o partido. Lénine foi contra esta opinião. Considerava que, antes de convocar o congresso, era preciso clarificar a questão dos objectivos e tarefas do partido, saber que tipo de partido se queria organizar, fazer a demarcação ideológica dos «economistas» – dizer honesta e abertamente ao partido que existiam duas opiniões distintas sobre os objectivos e tarefas: a dos «economistas» e a dos sociais-democratas revolucionários –, era preciso desenvolver uma ampla campanha de propaganda na imprensa em defesa dos pontos de vista da social-democracia revolucionária, do mesmo modo que os «economistas» desenvolviam a sua nos seus órgãos de imprensa, era preciso dar a possibilidade às organizações locais de fazerem uma escolha consciente entre estas duas correntes, e só depois de realizado este necessário trabalho preliminar se poderia convocar o congresso do partido.

Lénine afirmou frontalmente:

«*Antes da unificação e para a unificação é preciso primeiro uma demarcação decidida e definida.*»³ Por isso, Lénine entendia que a construção do partido político da classe operária devia iniciar-se com a organização de um jornal político combativo de toda a Rússia, que conduzisse a propaganda e a agitação em defesa dos pontos de vista da social-democracia revolucionária – a criação deste jornal devia ser o primeiro passo para a organização do partido.

No seu conhecido artigo intitulado «Por onde começar?», Lénine esboçou um plano concreto de construção do partido, que depois desenvolveu no seu célebre livro *Que Fazer?*.

«*Na nossa opinião*» – dizia Lénine naquele artigo – «*o ponto de partida para a acção, o primeiro passo prático para a criação da organização desejada e, finalmente, a linha fundamental que, seguindo-a, nos permitirá desenvolver, aprofundar e alargar continuamente esta organização – deve ser a criação de um jornal político de toda a Rússia (...) Sem ele é*

³ «Declaração da Redacção do *Iskra*» (1900), V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo 1967, Tomo 4, pág. 358. (N. do T.)

impossível desenvolver uma propaganda e agitação sistemática, diversificada e consequente com os princípios, a qual constitui a tarefa permanente e principal da social-democracia em geral e uma tarefa especialmente premente no momento actual em que o interesse pela política, pelas questões do socialismo despertou nas mais amplas camadas da população.»⁴

Lénine considerava que tal jornal constituía não só um meio para a coesão ideológica do partido, mas também um meio para a unificação orgânica das organizações locais. A rede de agentes e correspondentes deste jornal, que seriam representantes das organizações locais, constituiria o esqueleto em torno do qual se juntaria de forma organizada o partido. Pois, afirmava Lénine, «o jornal não é só um propagandista colectivo e um agitador colectivo mas também um organizador colectivo»⁵.

«Esta rede de agentes» – dizia Lénine no mesmo artigo – «será precisamente o esqueleto da organização que necessitamos: suficientemente grande para abarcar todo o país; suficientemente ampla e diversificada para se poder efectuar uma rigorosa e detalhada divisão do trabalho; suficientemente firme para, em quaisquer circunstâncias, em quaisquer “viragens” e eventualidades, poder realizar continuamente o seu trabalho; suficientemente flexível para saber, por um lado, evitar as batalhas em campo aberto contra um inimigo esmagadoramente mais forte, quando este concentrou todas as suas forças num único ponto, e, por outro lado, saber tirar proveito da torpeza deste inimigo e atacá-lo lá e quando ele menos espera.»⁶

Este jornal devia ser o *Iskra*.

E, com efeito, o *Iskra* foi precisamente o jornal político de toda a Rússia que preparou a coesão ideológica e orgânica do partido.

No que se refere à estrutura e composição do partido, Lénine entendia que devia consistir de duas partes: a) de um círculo restrito de militantes pertencentes aos quadros dirigentes permanentes, onde deviam entrar fundamentalmente os revolucionários profissionais, isto é, os militantes sem outra ocupação além do trabalho do partido, que possuísem o mínimo necessário de conhecimentos teóricos, experiência política, hábitos de organização, e engenho para lutar contra a polícia tsarista e esconder-se dela, e b) uma ampla rede de organizações periféricas do partido, integradas por uma numerosa massa de membros e envoltas pela simpatia e o apoio de centenas de milhares de trabalhadores.

«Afirmando», escreveu Lénine, «1) que não pode haver um movimento revolucionário sólido sem uma organização estável de dirigentes, que assegure a continuidade; 2) que quanta mais extensa for a massa espontaneamente integrada na luta (...) mais premente será a necessidade de semelhante organização e mais sólida deverá ela ser (...); 3) que tal organização deve ser formada, fundamentalmente, por pessoas entregues profissionalmente às actividades revolucionárias; 4) que num país autocrático, quanto mais restringirmos o contingente dos membros de uma organização deste tipo, a ponto de não incluir nela senão os filiados que se ocupem profissionalmente de actividades revolucionárias e tenham já uma preparação profissional na arte de lutar contra a polícia política, mais difícil será “caçar” esta organização, e – 5) maior será o número de pessoas, tanto da classe operária como das demais classes da sociedade, que poderão participar no movimento e colaborar activamente nele.»⁷

Quanto ao carácter do partido a criar e ao seu papel em relação à classe operária, assim como em relação aos objectivos e tarefas, Lénine entendia que este devia ser o destacamento de vanguarda da classe operária, o qual deveria ser a força dirigente do movimento operário, unificadora e orientadora da luta de classe do proletariado. O objectivo final do partido era o derrubamento do capitalismo e a instauração do socialismo. O objectivo imediato, o derrubamento do tsarismo e a implantação do regime democrático. E uma vez que o derrubamento do capitalismo era impossível sem o derrubamento do tsarismo, o objectivo fundamental do partido naquele

⁴ «Por onde começar» (1901), V.I. Lénine, ed. cit., Moscovo 1967, Tomo 5, pág. 9. (N. do T.)

⁵ Idem, ibidem, pág. 11. (N. do T.)

⁶ Idem, ibidem, pág. 12. (N. do T.)

⁷ *Que Fazer?* (1902), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Edições «Avante!», Lisboa 1977, Tomo I, págs. 166-167. (N. do T.)

momento consistia em levantar a classe operária e todo o povo para a luta contra o tsarismo, desencadear um movimento revolucionário popular contra o tsarismo e derrubar o regime tsarista, enquanto o primeiro grande obstáculo no caminho para o socialismo.

«A história» – disse Lênine – «coloca-nos hoje uma tarefa imediata, que é a mais revolucionária de todas as tarefas imediatas do proletariado de qualquer outro país. O cumprimento desta tarefa, a destruição do baluarte mais poderoso não só da reacção europeia, mas também (podemos hoje dizê-lo) da reacção asiática, tornaria o proletariado russo a vanguarda do proletariado revolucionário internacional.»⁸

E noutro lugar escreve:

«Devemos lembrar-nos que a luta contra o governo por reivindicações parciais e a conquista de concessões isoladas são apenas pequenas escaramuças com o inimigo, são pequenas investidas contra os seus postos avançados, e que a batalha decisiva ainda está pela frente. Perante nós ergue-se com todo o seu poderio a fortaleza inimiga, de onde se abatem sobre nós nuvens de projecteis e balas que levam os nossos melhores combatentes. Temos que tomar esta fortaleza e tomá-la-emos se unirmos todas as forças do proletariado que desperta e todas as forças dos revolucionários russos num só partido – que impelirá tudo o que há na Rússia de vivo e honesto. E só então se cumprirá a grande profecia do revolucionário operário russo Piotr Alekséiev:⁹ “Erguer-se-á o braço musculoso de milhões de operários e o jugo do despotismo, guardado pelas baionetas dos soldados, desfazer-se-á”.»¹⁰

Era este o plano de Lênine para a criação do partido da classe operária nas condições da Rússia tsarista-autocrática.

Os «economistas» não tardaram a abrir fogo contra o plano de Lênine.

Afirmavam que a luta política geral contra o tsarismo constituía uma causa de todas as classes, e antes de mais uma causa da burguesia, e que por isso não representava grande interesse para a classe operária, uma vez que o principal interesse dos operários residia na luta económica contra os patrões pelo aumento dos salários, a melhoria das condições de trabalho, etc.. Por conseguinte, a principal tarefa imediata que os sociais-democratas deviam apontar não era a luta política contra o tsarismo, o derrubamento do tsarismo, mas a organização da «luta económica dos operários contra os patrões e o governo», entendendo-se por luta económica contra o governo a luta pelo aperfeiçoamento da legislação industrial. Os «economistas» garantiam que desta forma seria possível «atribuir à própria luta económica um carácter político».

Os «economistas» já não se atreviam a objectar formalmente contra a necessidade de um partido político da classe operária. Porém, entendiam que o partido não devia ser a força dirigente do movimento operário, que não devia imiscuir-se no movimento espontâneo da classe operária e muito menos dirigi-lo, mas segui-lo na sua retaguarda, estudá-lo e retirar os respectivos ensinamentos.

Os «economistas» afirmavam ainda que o papel do elemento consciente no movimento operário, o papel organizador e orientador da consciência socialista, da teoria socialista, era insignificante ou quase insignificante, que a social-democracia não devia elevar os operários ao nível da consciência socialista, mas, pelo contrário, devia adaptar-se e descer ao nível das camadas médias ou mesmo das camadas mais atrasadas da classe operária; que a social-democracia não devia fomentar na classe operária uma consciência socialista, mas aguardar que o movimento espontâneo da classe operária formasse uma consciência socialista pelas suas próprias forças.

No que respeita ao plano organizativo de Lênine para a construção do partido, consideravam-no como uma espécie de violência sobre o movimento espontâneo.

⁸ Idem, ibidem, pág. 99. (N. do T.)

⁹ Piotr Alekséievitch Alekséiev (1849-1891), operário tecelão foi um dos primeiros destacados revolucionários russos, na década de 70 do século XIX. Ligado aos círculos populistas de Petersburgo e de Moscovo, foi preso em 1875 e julgado no processo dos «Cinquenta», em Março de 1877, onde pronunciou o célebre discurso sobre o inevitável derrubamento da autocracia tsarista, o qual foi impresso clandestinamente e teve grande repercussão. (N. do T.)

¹⁰ «As tarefas urgentes do nosso movimento», V.I Lênine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1967, Tomo 4, págs. 376-377. (N. do T.)

Nas páginas do *Iskra* e, em particular, no seu célebre livro *Que fazer?*, Lênine arremeteu contra esta filosofia oportunista do «economismo», dela não deixando pedra sobre pedra.

1) Lênine assinala que desviar a classe operária da luta política geral contra o tsarismo, limitar os seus objectivos à luta económica contra os patrões e o governo, deixando-os intactos, significava condenar os operários à eterna escravidão. A luta económica dos operários contra os patrões e o governo é uma luta de tipo trade-unionista por melhores condições de venda da força de trabalho aos capitalistas, todavia os operários querem lutar não só por melhores condições de venda da sua força de trabalho, mas também pela destruição do próprio sistema capitalista, que os condena à necessidade de venderem a sua força de trabalho e a sujeitarem-se à exploração. Contudo, os operários não podem desenvolver a luta contra o capitalismo e pelo socialismo enquanto o tsarismo, que é o cão de fila do capitalismo, estiver no seu caminho. Por isso, a tarefa mais imediata do partido e da classe operária consiste em eliminar o tsarismo, abrindo assim o caminho para o socialismo.

2) Lênine mostrou que exaltar o processo espontâneo do movimento operário e negar o papel dirigente do partido, reduzindo-o ao seu papel de anotador dos acontecimentos, significava professar o «seguidismo», relegar o partido para a cauda de um processo espontâneo, convertendo-o numa força passiva do movimento, apenas capaz de contemplar o processo espontâneo e se deixar levar pelo seu fluxo natural. Tal propaganda significava promover a destruição do partido, ou seja, deixar a classe operária sem partido, ou seja, deixar a classe operária desarmada. Deixá-la desarmada numa altura em que diante dela estavam inimigos tão poderosos como o tsarismo, munido de todos os meios de luta, e a burguesia, organizada modernamente e possuindo o seu próprio partido que dirigia a sua luta contra a classe operária, equivalia a trair a classe operária.

3) Lênine mostrou que inclinar-se perante o movimento operário espontâneo e diminuir o papel da consciência, da consciência socialista e da teoria socialista, significava em primeiro lugar trocar dos operários, que propendem para a consciência como a planta para a luz, em segundo lugar, desvalorizar a teoria perante o partido, isto é, desvalorizar o instrumento graças ao qual ele conhece o presente e prevê o futuro, e em terceiro lugar era cair total e definitivamente no pântano do oportunismo.

«*Sem teoria revolucionária*» – disse Lênine – «*não pode haver movimento revolucionário. (...) Só um partido guiado por uma teoria de vanguarda pode desempenhar o papel de combatente de vanguarda.*»¹¹

4) Lênine mostrou que os «economistas» enganavam a classe operária ao afirmarem que a ideologia socialista podia surgir do movimento espontâneo do proletariado, quando na realidade a ideologia socialista não surge do movimento espontâneo mas da ciência. Negando a necessidade de formar uma consciência socialista na classe operária, os «economistas» abriam dessa forma o caminho à ideologia burguesa, facilitando a sua introdução e penetração na classe operária, e, por conseguinte, sepultavam a ideia da fusão do movimento operário com o socialismo, ajudavam a burguesia.

«Tudo o que seja *inclinarse perante a espontaneidade do movimento operário*», – disse Lênine – «*tudo o que seja diminuir o papel do “elemento consciente”, o papel da social-democracia*, significa – independentemente da vontade de quem o faz – fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários.»¹²

E mais adiante:

«*O problema põe-se unicamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista? Não há meio termo (...)* Por isso, tudo o que seja *rebaixar a ideologia socialista*, tudo o que seja *afastar-se dela*, significa *fortalecer a ideologia burguesa.*»¹³

5) Fazendo o balanço de todos estes erros dos «economistas», Lênine chegou à conclusão de que aquilo que eles pretendiam não era um partido da revolução social, que emancipasse a classe

¹¹ *Que Fazer?*, V.I. Lênine, ed. cit., Lisboa, 1977, Tomo I, pág. 97. (N. do T.)

¹² Idem, ibidem, pág.106. (N. do T.)

¹³ Idem, ibidem, págs. 107-108. (N. do T.)

operária do capitalismo, mas um partido de «reformas sociais», que pressupunha a manutenção da dominação do capitalismo, o que significava que os «economistas» eram reformistas que traíam os interesses radicais do proletariado.

6) Finalmente, Lênine mostrou que o «economismo» não era um fenómeno acidental na Rússia, que os «economistas», enquanto veículo da influência burguesa sobre a classe operária, tinham os seus aliados nos revisionistas dos partidos sociais-democratas dos países ocidentais, os partidários do oportunista Bernstein. No Ocidente, a corrente oportunista fortalecia-se cada vez mais entre os sociais-democratas, que intervinham sob a bandeira da «liberdade de crítica» de Marx, exigindo a «revisão», ou seja, a reformulação da teoria de Marx (daí o nome «revisionismo»), a renúncia à revolução, ao socialismo e à ditadura do proletariado. Lênine demonstrou que os «economistas» russos seguiam esta mesma linha de renúncia da luta revolucionária, do socialismo e da ditadura do proletariado.

Estas são as teses teóricas fundamentais desenvolvidas por Lênine no seu livro *Que fazer?*.

A divulgação desta obra fez com que, passado um ano da sua publicação (foi editada em Março de 1902), nas vésperas do II Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, não restasse das posições ideológicas dos «economistas» mais do que uma recordação desagradável, e o epíteto de «economista» passou a ser considerado pela maioria dos militantes do partido como um insulto.

Isto significou a completa derrota ideológica do «economismo», da ideologia do oportunismo, do seguidismo e da espontaneidade.

Porém, a importância da obra de Lênine *Que fazer?* não se resumiu a isto. A importância histórica desta célebre obra consiste no facto de que Lênine:

1) Pela primeira vez na história do pensamento marxista revelou até à raiz as fontes ideológicas do oportunismo, mostrando que elas consistem antes de mais na reverência à espontaneidade do movimento operário e na diminuição do papel da consciência socialista no movimento proletário;

2) Colocou à altura devida a importância da teoria, do elemento consciente, do partido, como força revolucionária e dirigente do movimento operário espontâneo;

3) Fundamentou de modo brilhante a tese fundamental do marxismo de que o partido marxista é a fusão do movimento operário com o socialismo;

4) Elaborou genialmente os fundamentos ideológicos do partido marxista.

Os postulados teóricos desenvolvidas em *Que fazer?* viriam a constituir a base ideológica do partido bolchevique.

Partindo de uma tal riqueza teórica, o *Iskra* pôde desenvolver, como efectivamente desenvolveu, uma ampla campanha em defesa do plano leninista de construção do partido, pela junção de forças, pelo II Congresso, pela social-democracia revolucionária, contra os «economistas», contra todos e quaisquer oportunistas, contra os revisionistas.

A tarefa mais importante do *Iskra* foi a elaboração do projecto de programa do partido. O programa do partido operário consiste, como é sabido, numa breve síntese formulada cientificamente dos objectivos e tarefas da luta da classe operária. O programa define quer o objectivo final do movimento revolucionário do proletariado quer as reivindicações pelas quais o partido batalha no caminho para o objectivo final. Por isso, a elaboração de um projecto de programa adquiria forçosamente uma importância primordial.

Durante a elaboração do projecto do programa, na redacção do *Iskra* surgiram graves divergências entre Lênine e Plekhánov, assim como com outros dos seus membros. Estas divergências e discussões quase provocaram a ruptura completa entre Lênine e Plekhánov. Mas a ruptura não se consumou nessa altura. Lênine conseguiu que fosse incluído no projecto de programa o ponto importantíssimo sobre a ditadura do proletariado e que ficasse referido com clareza o papel dirigente da classe operária na revolução.

A Lênine pertence igualmente toda a parte relativa à agricultura no programa do partido. Já então Lênine defendia a nacionalização da terra, mas considerava necessário lançar na primeira etapa da luta a exigência da devolução aos camponeses das «parcelas», ou seja, as terras que os latifundiários tinham subtraído às áreas camponesas no momento da sua libertação. Plekhánov manifestava-se contra a nacionalização da terra.

Os debates entre Lénine e Plekhánov a propósito do programa do partido determinaram em parte as divergências ulteriores entre bolcheviques e mencheviques.

3. O II Congresso do Partido Operário Social-Democrata da Rússia. A aprovação do Programa e Estatutos e a criação de um partido unificado. As divergências no Congresso e o aparecimento de duas tendências no partido: a bolchevique e a menchevique.

Desta forma, o triunfo dos princípios leninistas e o êxito da luta do *Iskra* em defesa do plano de organização de Lénine criaram todas as condições fundamentais para fundar o partido ou, como se dizia naquela época, um verdadeiro partido. A orientação do *Iskra* tinha vencido nas organizações sociais-democratas da Rússia. Agora já se podia convocar o II Congresso do partido.

O II Congresso do POSDR iniciou os seus trabalhos em 17 (30) de Julho de 1903. O Congresso reuniu-se clandestinamente no estrangeiro. As primeiras sessões realizaram-se em Bruxelas. Mas a polícia belga intimou os delegados a abandonar o país. O Congresso transferiu-se para Londres.

Ao todo estiveram presentes 43 delegados em representação de 26 organizações. Cada comité tinha direito de enviar dois delegados, mas alguns apenas enviaram um. Por isso, os 43 delegados dispunham de 51 votos.

A principal tarefa do Congresso consistia em «*criar um verdadeiro partido sobre as bases de princípios e de organização que tinham sido propostas e elaboradas pelo Iskra*». ¹⁴

A composição do Congresso era heterogénea. Não estavam representados «economistas» declarados devido à derrota que haviam sofrido. Mas, logrando disfarçar-se habilmente neste período, conseguiram enviar alguns dos seus delegados. Além disso, os delegados do *Bund* só em palavras se distinguiam dos «economistas», na prática apoiavam-nos.

Deste modo, estavam no Congresso não só os partidários do *Iskra*, mas também os seus adversários. Os partidários do *Iskra* eram 33, ou seja, a maioria. Porém, nem todos os que se consideravam «iskristas» eram autênticos «iskristas-leninistas». Os delegados dividiram-se em vários grupos. Os partidários de Lénine, ou «iskristas» firmes, dispunham de 24 votos. Nove «iskristas» inconsequentes deram o seu apoio a Márto. ¹⁵ Uma parte dos delegados, que hesitava entre o *Iskra* e os seus adversários, dispunha de dez votos. Representavam o centro. Os adversários declarados do *Iskra* tinham oito votos (três «economistas» e cinco do *Bund*). Bastava que os «iskristas» se dividissem para que os seus inimigos ficassem em vantagem.

Isto mostra quão complexa era a situação no Congresso. Lénine envidou grandes esforços para assegurar a vitória do *Iskra*.

A tarefa mais importante era a aprovação do Programa do partido. A ditadura do proletariado foi a principal questão que suscitou objecções da parte oportunista na discussão do programa. Os oportunistas não estavam igualmente de acordo com a parte revolucionária do Congresso sobre uma série de outras questões programáticas. Mas decidiram bater-se sobretudo em torno da questão da ditadura do proletariado, alegando que este ponto não figurava nos programas de uma série de partidos sociais-democratas estrangeiros, não devendo por isso ser incluído no programa da social-democracia russa.

Os oportunistas opuseram-se também à inclusão no Programa do partido das reivindicações relativas à questão do campesinato. Estas pessoas não queriam a revolução, por isso alheavam-se do aliado da classe operária, o campesinato, ao qual tinham aversão.

Os «bundistas» e os sociais-democratas polacos opuseram-se ao direito de autodeterminação das nações. Lénine sempre afirmou que a classe operária tinha o dever de lutar contra a opressão

¹⁴ *Um Passo Em Frente, Dois Passos Atrás, (A Crise No Nosso Partido)*, V.I. Lénine, ed. cit., Lisboa, 1977, Tomo I, pág. 221. (N. do T.)

¹⁵ Iúli Ossípovitch Márto, verdadeiro apelido Tserderbaum (1873-1923), membro do movimento revolucionário social-democrata desde 1892. Em 1903 torna-se um dos mais destacados líderes dos mencheviques. Opositor à Revolução de Outubro, combate o Poder Soviético até abandonar o país já muito doente em 1920. (N. do T.)

nacional. A oposição à inclusão desta reivindicação no programa equivalia à recusa do internacionalismo proletário e à cumplicidade com a opressão nacional.

Lénine assestou um golpe demolidor em todas estas objecções.

O Congresso aprovou o programa proposto pelo *Iskra*.

Este programa era constituído de duas partes: o programa máximo e o programa mínimo. No programa máximo falava-se da missão principal do partido da classe operária: a revolução socialista, o derrubamento do poder dos capitalistas e a instauração da ditadura do proletariado. No programa mínimo expunham-se as tarefas imediatas do partido, a realizar antes do derrubamento do regime capitalista e da instauração da ditadura do proletariado: o derrubamento da autocracia tsarista, a implantação da república democrática, a introdução da jornada de trabalho de oito horas para os operários, a eliminação de todos os vestígios do feudalismo no campo, a devolução aos camponeses das terras que lhes haviam sido retiradas pelos terratenentes (as chamadas «parcelas»).

Mais tarde os bolcheviques substituíram a devolução das «parcelas» pela exigência da confiscação de todas as terras aos latifundiários.

O programa aprovado pelo II Congresso era um programa revolucionário do partido da classe operária. Manteve-se em vigor até ao VIII Congresso, onde, na sequência do triunfo da revolução proletária, foi aprovado um novo programa.

Após a aprovação do programa, o II Congresso passou à discussão do projecto de Estatutos do partido. Tendo aprovado o programa e criado as bases para a unificação ideológica do partido, o Congresso devia aprovar igualmente os Estatutos do partido para pôr termo ao trabalho artesanal, aos círculos fechados, à dispersão orgânica e à ausência de uma disciplina firme no partido.

Porém, se a aprovação do programa decorreu relativamente bem, o ponto sobre os estatutos provocou encarniçadas discussões no Congresso. As divergências mais nítidas surgiram a propósito da redacção do primeiro parágrafo sobre filiação no partido. Quem pode ser membro do partido, qual deve ser a composição do partido, como deverá ser o partido em termos de organização, um todo orgânico ou algo de indefinido? Estas foram as questões surgidas a propósito do primeiro parágrafo dos Estatutos. Digladiaram-se duas propostas de redacção: a de Lénine, apoiada por Plekhánov e pelos «iskristas» consequentes, e a de Márto, apoiada por Axelrod, Zassúlitch, pelo «iskristas» vacilantes, Trótski¹⁶ e todos os oportunistas declarados presentes no Congresso.

A proposta de Lénine afirmava que poderia ser membro do partido qualquer um que aceitasse o seu programa, apoiasse o partido no plano material e fosse membro de uma das suas organizações. A proposta de Márto, embora reconhecendo como condições necessárias à filiação no partido a aceitação do programa e o apoio material, não considerava a participação numa organização como uma condição da filiação, defendendo que o membro do partido tanto podia ser como não ser membro de uma das suas organizações.

Lénine via o partido como um destacamento *organizado*, cujos membros não se filiavam a si próprios no partido, mas eram admitidos no partido por uma das suas organizações e, consequentemente, subordinavam-se à disciplina partidária, enquanto Márto entendia o partido como algo *informal* em termos organizativos, cujos membros se filiavam a si próprios e, consequentemente, não se subordinavam à disciplina partidária, já que não integravam nenhuma das suas organizações.

¹⁶ Lev Davídovitch Trótski, verdadeiro apelido Bronstein, (1879-1940), aproxima-se do movimento revolucionário em 1896, ano em que adere à União dos Operários do Sul da Rússia, uma das primeiras organizações sociais-democratas russas. Em 1902 foge para o estrangeiro, conhece Lénine em Londres e integra a redacção do jornal *Iskra*, mas logo em 1903 torna-se menchevique, opondo-se à criação do partido de novo tipo. Na revolução de 1905-07 preside ao Soviete de Petersburgo, cargo que ocupa de novo em 1917, mas só em Agosto desse ano adere ao partido bolchevique com o grupo dos «inter-regionais». Membro do CC (1917-27), do *Politburo* (1919-1926), integrou o primeiro Commissariado do Povo da Rússia em 1917 e foi presidente do Conselho Revolucionário Militar (1918-25). É expulso do partido em 1927 e da URSS em 1929 por actividades anti-soviéticas que prossegue nos vários países em que vive. (*N. do T.*)

Deste modo, a proposta de Márto, ao contrário da de Lénine, escancarava as portas do partido a elementos vacilantes não proletários. Nas vésperas da revolução democrática-burguesa havia na *intelligentsia* pessoas que eram simpatizantes temporários da revolução. De vez em quando podiam até prestar pequenos serviços ao partido. Todavia, estas pessoas não estavam dispostas a entrar para uma organização, submeter-se à disciplina partidária, cumprir tarefas do partido, nem estariam dispostas a expor-se aos perigos que tal envolvia. Mas era este tipo de pessoas que Márto e outros mencheviques propunham que fossem consideradas como membros do partido, dando-lhes o direito e a possibilidade de influir nos seus assuntos. Até propuseram que se reconhecesse o direito a todos os grevistas de se «filiarem» no partido, apesar de nas greves participarem tanto elementos não socialistas como anarquistas e socialistas-revolucionários [*esséris*].

Verificou-se que, em vez de um partido monolítico, combativo e bem organizado, pelo qual lutaram Lénine e os leninistas no Congresso, os martovistas queriam um partido heterogéneo, difuso e rudimentar, que nunca poderia ser um partido combativo, desde logo porque devido à sua heterogeneidade não poderia ter uma disciplina firme.

A ruptura dos «iskristas» vacilantes com os «iskristas» firmes, a sua aliança com o centro e a associação dos oportunistas declarados deram a Márto supremacia nesta questão. Por 28 votos contra 22 e uma abstenção, o Congresso aprovou o primeiro parágrafo dos Estatutos com a redacção proposta por Márto.

Na sequência da divisão dos «iskristas» a propósito do primeiro parágrafo dos Estatutos, a luta no Congresso agudizou-se. Aproximava-se o fim dos trabalhos com a eleição dos organismos dirigentes do partido: a redacção do Órgão Central do partido (*Iskra*) e o Comité Central. Porém, antes de se passar à eleição, produziram-se alguns acontecimentos que alteraram a correlação de forças.

A propósito dos estatutos, o Congresso teve de discutir o *Bund*. Este pretendia ter uma situação especial dentro do partido. Exigia ser reconhecido como o único representante dos operários judeus da Rússia. Ceder a esta exigência significava dividir os operários nas organizações do partido, segundo a sua nacionalidade, renunciando à existência de organizações únicas de classe do proletariado, segundo o princípio territorial. O Congresso rejeitou a organização nacionalista do *Bund*. Os «bundistas» abandonaram o Congresso. Saíram também dois «economistas», depois de o Congresso ter se recusado reconhecer a Liga por eles criada no estrangeiro como representante do partido no exterior.

A saída do Congresso destes sete oportunistas alterou a correlação de forças a favor dos leninistas.

A questão da composição dos organismos centrais do partido estava desde o início no cerne da atenção de Lénine. Lénine considerava necessário conduzir ao Comité Central revolucionários firmes e consequentes. Os martovistas tentavam obter o predomínio dos elementos vacilantes e oportunistas neste órgão. A maioria do Congresso apoiou Lénine nesta questão. Para o Comité Central foram eleitos os partidários de Lénine.

Por proposta de Lénine, ele próprio, Plekhánov e Márto foram eleitos para a redacção do *Iskra*. Márto exigiu que os seis antigos redactores do *Iskra*, a maioria dos quais o apoiava, fossem eleitos para a redacção do jornal. A maioria do Congresso rejeitou esta proposta, elegendo os três redactores, propostos por Lénine. Márto declarou então que não integraria a redacção do órgão central.

Desta forma, a votação do Congresso para os organismos centrais do partido confirmou a derrota dos martovistas e consolidou a vitória dos partidários de Lénine.

A partir desse momento, por ter obtido a maioria de votos no Congresso na eleição dos organismos centrais, os partidários de Lénine passaram a ser chamados **bolcheviques**,¹⁷ e os seus adversários, que tinham ficado em minoria, mencheviques.¹⁸

¹⁷ Bolchevique significa em russo maioritário, da palavra *bolchinstvo* (maioria). (*N. do T.*)

¹⁸ Menchevique significa em russo minoritário, da palavra *menchinstvo* (minoria). (*N. do T.*)

Resumindo os resultados do II Congresso, podemos tirar as seguintes conclusões:

1) O Congresso consolidou a vitória do marxismo sobre o «economismo» e sobre o oportunismo declarado;

2) O Congresso aprovou o Programa e os Estatutos do partido, fundou o Partido Social-Democrata e, deste modo, estabeleceu o quadro de um partido unificado;

3) O Congresso revelou a existência de graves divergências sobre a organização, que dividiram o partido em dois campos, o dos bolcheviques e o dos mencheviques, os primeiros defenderam os princípios organizativos da social-democracia revolucionária, enquanto os segundos resvalaram para o pântano da indefinição organizativa, para o pântano do oportunismo;

4) O Congresso mostrou que o lugar dos antigos oportunistas, os «economistas» já derrotados pelo partido, começava a ser ocupado pelos novos oportunistas, os mencheviques;

5) O Congresso não esteve à altura das exigências no que respeita às questões de organização, denotou hesitações, chegando mesmo por vezes a dar vantagem aos mencheviques, e, apesar da recomposição no final, não só não soube desmascarar o oportunismo dos mencheviques nas questões de organização, e obter o seu isolamento, como nem sequer colocou semelhante tarefa ao partido.

Esta última circunstância foi uma das razões mais evidentes que fez com que, após o Congresso, a luta entre bolcheviques e mencheviques não só não cessou como, pelo contrário, se agudizou ainda mais.

4. As actividades divisionistas dos líderes mencheviques e agudização da luta no interior do partido após o II Congresso. O oportunismo dos mencheviques. O livro de Lénine Um Passo Em Frente, Dois Passos Atrás. Os fundamentos organizativos de um partido marxista.

Após o II Congresso, a luta no interior do partido agudizou-se ainda mais. Os mencheviques tentaram a todo o custo bloquear as resoluções do Congresso e tomar a direcção do partido. Exigiam a inclusão de representantes seus na redacção do *Iskra* e no Comité Central, de modo a ficarem em maioria no jornal e em situação de paridade com os bolcheviques no CC. Dado que estas exigências contrariavam frontalmente as decisões do Congresso, os bolcheviques rejeitaram-nas. Foi então que os mencheviques criaram secretamente a sua organização fraccionária antipartido, liderada por Márto, Trótski e Axelrod, e «desencadearam», como Márto escreveu, «uma revolta contra o leninismo». O método de luta escolhido foi: «a desorganização de todo o trabalho do partido, provocar dano à causa, entravar em tudo e todos» (expressão de Lénine). Entrincheiraram-se na Liga Estrangeira dos Sociais-Democratas Russos, nove décimos da qual eram constituídos por intelectuais emigrados, desligados da actividade na Rússia, de onde começaram a alvejar o partido, Lénine e os leninistas.

Plekhánov prestou uma grande ajuda aos mencheviques. No II Congresso esteve ao lado de Lénine, mas depois deixou-se assustar com a ameaça da cisão brandida pelos mencheviques e decidiu «reconciliar-se» com eles a qualquer custo. O peso dos seus anteriores erros oportunistas arrastou-o para os mencheviques. De conciliador com os mencheviques-oportunistas, tornou-se pouco depois ele próprio num menchevique. Exigiu a integração na redacção do *Iskra* de todos os antigos redactores mencheviques, que tinham sido rejeitados pelo Congresso. Lénine, que não podia evidentemente concordar com isso, abandonou a redacção do jornal procurando juntar forças no Comité Central do partido para, a partir daí, derrotar os oportunistas. Contrariando a vontade do Congresso, Plekhánov cooptou pessoalmente para a redacção do *Iskra* os antigos redactores mencheviques. Desde esse momento, a partir do número 52 do jornal, os mencheviques transformaram-no no seu órgão, utilizando-o para propagar os seus pontos de vista oportunistas.

O jornal bolchevique de Lénine passou então a ser designado no partido como o *velho Iskra*, enquanto o jornal menchevique, oportunista, era conhecido como o *novo Iskra*.

Ao passar para as mãos dos mencheviques, o *Iskra* tornou-se um órgão de luta contra Lénine e os bolcheviques, e de propaganda do oportunismo, sobretudo nas questões de organização.

Unindo-se com os «economistas» e os bundistas, os mencheviques iniciaram nas páginas do *Iskra* uma campanha contra o leninismo, segundo eles próprios diziam. Passado algum tempo, Plekhánov, desistindo da sua posição conciliadora, juntou-se também à campanha. Era o que tinha de acontecer pela lógica das coisas: quem insiste na conciliação com os oportunistas, terá de resvalar para o oportunismo. Das páginas do novo *Iskra* joravam como de uma cornucópia artigos e declarações considerando que o partido não devia ser um todo organizado, que era preciso permitir a existência no seu interior de grupos e indivíduos livres, não obrigados a submeterem-se às decisões dos seus órgãos, que era preciso dar a cada intelectual simpatizante do partido, tal como a «qualquer grevista» e a «qualquer manifestante», a possibilidade de se autodeclarar membro do partido, que a exigência da submissão a todas as decisões do partido constituía um «formalismo burocrático», que a exigência da submissão da minoria à maioria significava a «repressão mecânica» da vontade dos membros do partido, que a exigência de igual submissão à disciplina partidária de todos os membros, tanto dos dirigentes como dos militantes de base, significava a instauração da «servidão» no partido, que «nós», no partido, precisávamos não do centralismo, mas de um «autonomismo» anárquico, que reconhecesse a cada indivíduo e às organizações o direito de não cumprir as suas decisões.

Tratava-se de uma propaganda desenfreada da dissolução organizativa, da subversão do espírito e da disciplina do partido, do elogio do individualismo dos intelectuais e da justificação da indisciplina anárquica.

Os mencheviques puxavam nitidamente o partido para trás, para os tempos anteriores ao II Congresso da dispersão orgânica, dos círculos isolados e do artesanato.

Era necessário dar uma réplica enérgica aos mencheviques.

Essa réplica foi dada por Lénine na sua célebre obra *Um Passo Em Frente, Dois Passos Atrás*, editada em Maio de 1904.

As principais teses sobre a organização desenvolvidas por Lénine neste livro, e que se tornaram depois os fundamentos organizativos do partido bolchevique, são as seguintes:

1) O partido marxista é uma parte da classe operária, um destacamento seu. Mas a classe operária tem muitos destacamentos, logo nem todos podem ser considerados como partidos da classe operária. O partido distingue-se dos outros destacamentos da classe operária antes de mais pelo facto de constituir um destacamento de *vanguarda*, e não um mero destacamento, um destacamento *consciente*, um destacamento *marxista* da classe operária, munido do conhecimento da vida social, do conhecimento das leis do desenvolvimento da vida social, do conhecimento das leis da luta de classes, e capaz por isso de conduzir a classe operária e dirigir a sua luta. Assim, não se pode confundir o partido com a classe operária, como não se pode confundir a parte com o todo, nem pretender que qualquer grevista possa considerar-se como membro do partido, uma vez que aquele que confunde o partido com a classe está a rebaixar o nível de consciência do partido ao nível de «cada grevista», está a destruir o partido enquanto destacamento consciente de vanguarda da classe operária. A missão do partido não consiste em *rebaixar* o seu nível ao de «cada grevista», mas sim, em *eleva*r as massas operárias, *eleva*r «cada grevista» ao nível do partido.

«Nós somos um partido de classe» – escreveu Lénine – «e é por isso que quase toda a classe (e em tempo de guerra, num período de guerra civil, absolutamente toda a classe) deve agir sob a direcção do nosso partido, deve ter com o nosso partido a ligação mais estreita possível. Mas seria “manilovismo”¹⁹ e «seguidismo» pensar que sob o capitalismo quase toda a classe, ou mesmo toda a classe, estará um dia em condições de se elevar ao ponto de alcançar o grau de consciência e de actividade do seu destacamento de vanguarda, do seu partido social-democrata. Nunca nenhum social-democrata de bom senso duvidou de que sob o capitalismo, mesmo a organização sindical (mais rudimentar, mais acessível ao grau de consciência das camadas não desenvolvidas) não está à altura de englobar quase toda ou toda a classe operária. Seria unicamente enganar-se a si próprio, fechar os olhos sobre a imensidade das nossas tarefas,

¹⁹ Manilovismo: do nome do latifundiário Manílov, personagem da obra do escritor russo N.V. Gógol *Almas Mortas*; é sinónimo de afabilidade, do sentimentalismo melífluo e da fantasia infundada. (Nota das Edições «Avante!», pág. 712. Ver ref. seguinte – *N. do T*)

restringir essas tarefas, esquecer a diferença entre o destacamento de vanguarda e toda a massa que pende para ele, esquecer a obrigação constante do destacamento de vanguarda de elevar camadas cada vez mais amplas ao seu nível avançado.»²⁰

2) O partido não é apenas o destacamento de vanguarda consciente da classe operária, é também o seu destacamento *organizado*, com a sua disciplina própria, obrigatória para os seus membros. Por isso, os militantes do partido devem ser obrigatoriamente membros de uma das suas organizações. Se o partido não fosse um destacamento *organizado* da classe operária, um sistema de organizações, mas uma simples soma de indivíduos que se auto-proclamam membros sem integrarem nenhuma das suas organizações – o que significa *não organizados* e portanto não obrigados a submeterem-se às decisões do partido – o partido nunca poderia ter uma vontade única e nunca poderia alcançar a unidade de acção dos seus membros e, por conseguinte, não teria a possibilidade de dirigir a luta da classe operária. O partido só pode dirigir na prática a luta da classe operária e orientá-la para um objectivo único, se todos os seus membros estiverem *organizados* num destacamento único comum, coesos por uma vontade única, pela unidade de acção e unidade de disciplina.

A objecção dos mencheviques de que nesse caso muitos intelectuais, digamos, professores, estudantes, liceais, etc., ficarão de fora do partido, uma vez que não querem entrar nesta ou naquela organização do partido, quer porque se sentem incomodados com disciplina quer porque, como disse Plekhánov no II Congresso, consideram «humilhante para si próprios integrar esta ou aquela organização de base» – é uma objecção que se vira contra os próprios mencheviques, já que o partido não precisa de tais membros, que se sentem incomodados com a disciplina e temem integrar uma organização partido. Os operários não receiam a disciplina e a organização, entram de bom grado numa organização do partido quando decidem tornar-se militantes. São os intelectuais individualistas que temem a disciplina e a organização, e eles, efectivamente, ficarão de fora do partido. Mas isso até é bom, uma vez que evita a afluência ao partido de elementos vacilantes, que naquele período em que começava a levantar-se a vaga da revolução democrática-burguesa era especialmente forte.

«Quando digo» – escreve Lênine – «que o partido deve ser uma soma (não uma simples soma aritmética, mas um complexo) de organizações (...) exprimo assim, de maneira absolutamente clara e precisa, o meu desejo, a minha exigência de que o partido, como destacamento de vanguarda da classe, seja algo o mais organizado possível, que o partido só aceite nas suas fileiras aqueles elementos que admitam, pelo menos, um mínimo de organização.»²¹

E mais adiante:

«Em palavras, a fórmula de Mártoov parece defender os interesses das largas camadas do proletariado. Mas, de facto, esta fórmula servirá os interesses da intelectualidade burguesa, que receia a disciplina e a organização proletárias. Ninguém ousará negar que o que caracteriza, de um modo geral, a intelectualidade como uma camada especial nas sociedades capitalistas contemporâneas é justamente o seu individualismo e a sua incapacidade para se submeter à disciplina e à organização».²²

E noutro lugar:

«O proletariado não receia a organização nem a disciplina (...) O proletariado não se importará com os senhores professores e estudantes de liceu, que não querem entrar numa organização, mas querem ser considerados membros do partido como se trabalhassem sob o controlo da organização»²³ (...) Não é o proletariado, mas a certos intelectuais do nosso partido, que falta a auto-educação no espírito de organização e disciplina».²⁴

²⁰ *Um Passo Em Frente, Dois Passos Atrás (A Crise No Nosso Partido)*, V.I. Lênine, ed. cit., Lisboa, 1977, Tomo I, pág. 256. (N. do T.)

²¹ Idem, ibidem, pág. 254. (N. do T.)

²² Idem, ibidem, págs. 262-263. (N. do T.)

²³ A tradução exacta das Edições «Avante!» é a seguinte: «O proletariado não se importará que os senhores professores e estudantes de liceu, que não queiram entrar numa organização, sejam considerados como membros do partido porque trabalham sob o controlo de uma organização». Por eventual deficiência na tradução ou gralha

3) O partido não é um simples destacamento organizado, mas «a forma superior de organização», entre todas as outras organizações da classe operária, que é convocada a *dirigir* todas as demais organizações da classe operária. O partido, como forma superior de organização, constituída pelos melhores elementos da classe operária, munidos de uma teoria de vanguarda, do conhecimento das leis da luta de classes e da experiência do movimento revolucionário, tem todas as possibilidades para dirigir – e está obrigado a fazê-lo – todas as demais organizações da classe operária. A tendência dos mencheviques para diminuir e rebaixarem o papel dirigente do partido conduz ao enfraquecimento de todas as outras organizações do proletariado, por ele dirigidas, e, conseqüentemente, ao enfraquecimento e desarmamento do proletariado, uma vez que este, «na sua luta pelo poder, não tem outra arma senão a organização».²⁵

4) O partido é a *personificação da ligação* do destacamento de vanguarda da classe operária com a *massa de milhões da classe operária*. Por melhor que seja o partido, enquanto destacamento de vanguarda, e por mais bem que esteja organizado, não poderá viver e desenvolver-se sem uma ligação às massas sem partido, sem multiplicar e reforçar essa ligação. Um partido fechado sob si próprio, isolado das massas, que tenha perdido ou mesmo enfraquecido a ligação com a sua classe, perderá necessariamente a confiança e o apoio das massas, e, em consequência, desaparecerá inevitavelmente. Para viver com plenitude e se desenvolver, o partido tem que multiplicar as suas ligações às massas, conquistar a confiança das massas de milhões da sua classe.

«Para se ser um partido social-democrata» – disse Lênine – «é preciso conquistar o apoio precisamente da classe.»²⁶

5) Para funcionar correctamente e dirigir de forma planeada as massas, o partido tem de estar organizado segundo os princípios do *centralismo*, com estatutos únicos, uma disciplina única, um órgão de direcção único representado pelo Congresso do partido e, nos intervalos entre congressos, pelo Comité Central do partido, com a subordinação da minoria à maioria, das diferentes organizações aos organismos centrais e das organizações inferiores às superiores. Sem estas condições, o partido da classe operária não pode ser um verdadeiro partido e não poderá cumprir as suas tarefas de direcção da classe.

Claro que devido às condições de clandestinidade em que o partido vivia sob a autocracia tsarista, as organizações não podiam constituir-se naquela altura segundo o princípio da eleição a partir da base, uma vez que o partido era obrigado a manter um carácter estritamente conspirativo. Mas Lênine considerava que esta situação provisória na vida do nosso partido desapareceria logo nos primeiros dias após o derrubamento do tsarismo, momento em que o partido passaria a agir abertamente na legalidade, e que as suas organizações seriam erigidas com base nos princípios do sufrágio democrático, nos princípios do *centralismo democrático*.

«Antes» – escreveu Lênine – «o nosso partido não era um todo formalmente organizado, mas apenas uma soma de grupos particulares, pelo que entre esses grupos não podia haver outras ligações senão a acção ideológica. Agora já somos um partido organizado; e isto implica a criação de um poder, a transformação da autoridade das ideias em autoridade do poder, a subordinação das instâncias inferiores às instâncias superiores do partido.»²⁷

Acusando os mencheviques de niilismo em matéria de organização e de anarquismo senhorial, ao não admitirem a autoridade do partido e a sua disciplina, Lênine disse:

«Este anarquismo senhorial é particularmente característico do niilista russo. A organização do partido parece-lhe uma monstruosa “fábrica”, a submissão da parte ao todo e da minoria à maioria surge-lhe como uma “servidão” (...) a divisão do trabalho sob a direcção de um centro fá-lo lançar gritos tragicómicos contra a transformação dos homens em “engrenagens e parafusos”

tipográfica, a frase resulta equívoca. Partindo da 5ª edição russa, que igualmente serve de base à citada edição portuguesa, alterámos a redacção procurando restituir o sentido do original. (N. do T.)

²⁴ Idem, ibidem, pág. 350. (N. do T.)

²⁵ Idem, ibidem, pág. 369. (N. do T.)

²⁶ Idem, ibidem, pág. 258. (N. do T.)

²⁷ Idem, ibidem, pág. 334. (N. do T.)

(e vê uma forma particularmente intolerável dessa transformação na transformação dos redactores em colaboradores), a simples alusão aos estatutos de organização do partido provoca nele um gesto de desprezo e a observação desdenhosa (dirigida aos “formalistas”) de que se poderia perfeitamente dispensar os estatutos.»²⁸

6) O partido, na sua acção prática, se quer conservar a *unidade* das suas fileiras deve aplicar uma disciplina proletária *única*, obrigatória *igualmente* para todos os membros do partido, tanto dirigentes como militantes de base. Por isso no partido não deve haver divisão entre «selectos», para os quais a disciplina não é obrigatória, e «não selectos», que são obrigados a submeter-se à disciplina. Sem esta condição não se pode conservar a integridade do partido e a unidade das suas fileiras.

«A total carência de argumentos razoáveis» – observa Lénine – «por parte do camarada Márto e C.^a contra a redacção designada pelo congresso é ilustrada melhor que por qualquer outra coisa pela palavrinha: “nós não somos servos!” (...) A psicologia do intelectual burguês, que se considera entre os “espíritos de elite”, colocados acima da organização de massas e da disciplina de massas, surge aqui com notável clareza (...) Toda a organização e disciplina proletárias parecem servidão ao individualismo próprio de intelectuais».²⁹

E mais adiante:

«Mas, à medida que vamos constituindo um verdadeiro partido, o operário consciente deve aprender a distinguir entre a psicologia do soldado do exército proletário e a psicologia do intelectual burguês que se pavoneia com frases anarquistas; deve aprender a exigir que cumpram os seus deveres de membros do partido não só os militantes de base, mas também “aos de cima”.»³⁰

Fazendo o balanço da análise das divergências e definindo a posição dos mencheviques como «oportunismo nas questões de organização», Lénine considerou que um dos pecados fundamentais do menchevismo foi a subestimação da importância da *organização* do partido como arma do proletariado na luta pela sua emancipação. Os mencheviques consideravam que a *organização* do partido do proletariado não tinha uma grande importância para a vitória da revolução. Contrariamente aos mencheviques, Lénine considerou que por si só a unidade *ideológica* do proletariado é *insuficiente* para a vitória, para vencer é necessário «cimentar» a unidade ideológica com a «unidade material da *organização*» do proletariado. Só mediante esta condição o proletariado tornar-se-ia se uma força invencível.

«O proletariado,» – escreveu Lénine – «na sua luta pelo poder, não tem outra arma senão a organização. Dividido pela concorrência anárquica que reina no mundo burguês, esmagado pelos trabalhos forçados ao serviço do capital, constantemente atirado para o abismo da miséria mais completa, do embrutecimento e da degenerescência, o proletariado só pode tornar-se, e tornar-se-á inevitavelmente, uma força invencível quando a sua unidade ideológica, baseada nos princípios marxistas, é cimentada pela unidade material da organização que reúne milhões de trabalhadores num exército da classe operária. A esse exército não poderão resistir nem o poder decrépito da autocracia russa, nem o poder decrépito do capital internacional.»³¹

É com estas palavras proféticas que Lénine termina a obra *Um Passo Em frente, Dois Passos Atrás*.

São estas as principais teses sobre a organização que Lénine desenvolveu neste célebre livro.

A importância desta obra consiste antes de mais na defesa que faz do espírito de partido contra o espírito de círculo, na defesa do partido contra os desorganizadores, em ter destruído o oportunismo menchevique nas questões de organização, e lançado as bases organizativas do partido bolchevique.

²⁸ Idem, ibidem, pág. 352. (N. do T.)

²⁹ Idem, ibidem, págs. 326-327. (N. do T.)

³⁰ Idem, ibidem, pág. 354. (N. do T.)

³¹ Idem, ibidem, pág. 369. (N. do T.)

Mas isto não esgota a importância desta obra. O seu significado histórico resulta do facto de nela, pela primeira vez na história do marxismo, Lênine ter elaborado a *teoria do partido*, enquanto *organização* dirigente do proletariado e principal arma nas mãos do proletariado, sem a qual é impossível triunfar na luta pela ditadura proletária.

A difusão desta obra de Lênine entre os militantes do partido permitiu que a maioria das organizações de base se unissem em torno de Lênine.

Porém, quanto mais estreitamente as organizações se uniam em torno dos bolcheviques, maior era a exasperação dos líderes mencheviques.

No Verão de 1904, os mencheviques conquistaram a maioria no Comité Central graças à ajuda de Plekhánov e à traição de dois bolcheviques degenerados: Krássine³² e Noskov.³³ Tornou-se evidente que os mencheviques estavam a provocar a cisão. A perda do *Iskra* e do CC colocou os bolcheviques numa situação difícil. Precisavam de organizar o seu próprio jornal bolchevique. Precisavam de organizar um novo congresso, o III Congresso do partido, para eleger um novo CC, e se separarem dos mencheviques.

Lênine e os bolcheviques empenharam-se neste objectivo.

Os bolcheviques lutaram pela convocação do III Congresso do partido. Em Agosto de 1904, realizou-se na Suíça, sob a direcção de Lênine, uma conferência com 22 bolcheviques, que aprovou o manifesto «Ao partido», o qual se tornou o seu programa de luta pela convocação do III Congresso.

Em três conferências regionais de comités bolcheviques (do Sul, do Cáucaso e do Norte) foi eleito o Bureau de Comités da Maioria, que realizou o trabalho prático de preparação do III Congresso.

A 4 de Janeiro de 1905 foi publicado o primeiro número do jornal bolchevique *Vperiod* [«Avante»].

Desta forma, formaram-se duas facções independentes dentro do partido: a bolchevique e a menchevique, cada uma com os seus organismos centrais e os seus órgãos de imprensa.

Breves conclusões

No período entre 1901 e 1904, num contexto de crescimento do movimento operário revolucionário, na Rússia surgem e fortalecem-se as organizações sociais-democratas marxistas. Conduzindo uma tenaz luta de princípios contra os «economistas», a linha revolucionária leninista do *Iskra* impõe-se, superando-se a confusão ideológica e o trabalho «artesanal».

O *Iskra* interliga os grupos e círculos sociais-democratas dispersos e prepara o II Congresso do partido. Neste Congresso, realizado em 1903, é fundado o Partido Operário Social-Democrata da Rússia, são aprovados o Programa e os Estatutos do partido e constituídos os seus organismos centrais.

Na luta travada no II Congresso pelo triunfo definitivo na linha do *Iskra* surgiram dois grupos no POSDR, os bolcheviques e os mencheviques.

³²Leonid Boríssovitch Krássine (1870-1926), membro do partido desde 1890, do CC de 1903 a 1907 (candidato 1907-12) e a partir de 1924. Afastando-se do movimento revolucionário em 1912, trabalha como engenheiro na firma alemã *Siemens-Schuckert*, em Berlim, sendo transferido em 1913 para dirigir a filial russa em São Petersburgo. Após a revolução é convidado por Lênine a integrar a delegação soviética nas conversações de Brest-Litovsk. É nomeado comissário do Comércio e Indústria da Rússia (1918), das Vias de Comunicação da Rússia (1919-20) e do Comércio Externo (1920-23), tornando-se no primeiro comissário do Comércio Externo da URSS (1923-25). Enviado em 1926 para Inglaterra como representante plenipotenciário, vem a falecer nesse ano de paragem cardíaca. (*N. do T.*)

³³Vladímir Aleksándrovitch Noskov (1878-1913, participante no movimento revolucionário russo desde os anos 90, foi um dos organizadores da União do Norte do POSDR. Bolchevique, «agente» do *Iskra*, integrou o CC entre 1903 e 1905. Em 1907 afasta-se da actividade partidária. (*N. do T.*)

Após o II Congresso, as principais divergências entre bolcheviques e mencheviques incidiram sobre as questões de organização.

Os mencheviques aproximaram-se dos «economistas» e ocuparam o anterior lugar destes no partido. O oportunismo dos mencheviques manifestava-se nessa altura nas questões de organização. Opunham-se a um partido revolucionário combativo de tipo leninista. Queriam um partido informal, não organizado e seguidista, e promoveram uma linha de cisão no partido. Com a ajuda de Plekhánov apoderaram-se do *Iskra* e do CC, utilizando estes órgãos para os seus objectivos divisionistas.

Face à ameaça de cisão por parte dos mencheviques, os bolcheviques tomaram medidas para conter os divisionistas, mobilizaram as organizações de base para a convocação do III Congresso e criaram o seu próprio jornal, *Vperiod*.

Assim, nas vésperas da primeira revolução russa e com a guerra russo-nipónica já em curso, os bolcheviques e os mencheviques surgem como dois grupos políticos separados um do outro.